



Indisciplina e Fracasso Escolar: Influências, contextos e os desafios em uma escola pública estadual do Município de São Luis de Montes Belos-GO.

Ismael Lemes Vieira Júnior¹

Resumo

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado e teve por finalidade abordar o tema “A Indisciplina e Fracasso escolar: Influências, contextos e os desafios”, em uma escola pública estadual no município de São Luis de Montes Belos/GO. Apresenta em seu contexto uma análise teórica e uma pesquisa de campo acerca da Indisciplina na escola, visando pontuar as causas, as consequências, os diferentes contextos que influenciam o comportamento indisciplinado do aluno e a relação disso com o fracasso escolar. Para dar abalizar a investigação, os principais teóricos foram Antunes (2002); Aquino (1996, 1997, 1999); Vasconcellos (2009) dentre outros. A indisciplina na sala de aula tem relação com os aspectos vivenciados na prática pedagógica dos professores e na vida escolar dos alunos, como uma realidade em constante desafio, visto que tal tipo de comportamento pode ser uma das maiores causas do fracasso escolar. O fracasso escolar é parte de um dos problemas mais graves da educação brasileira, algo que pode ser evidenciado nos mais variados níveis de ensino. No entanto, é no ensino fundamental que este problema incide com maior frequência. Suas causas são diversas e, muitas vezes, parecem insolúveis. O fracasso escolar pode ser produzido na relação entre o aluno, o professor e a escola; ou pela indisciplina que a escola sozinha não consegue combater, visto que tem causas sociais e não apenas educacionais.

Palavras-Chave: Indisciplina na Escola. Fracasso Escolar. Comunidade Escolar. Prática Pedagógica.

Indiscipline and School Failure: Influences, contexts and challenges in a state public school in the municipality of São Luis de Montes Belos -GO.

Abstract

This article is an excerpt from the master's thesis and aimed to address the theme “School Indiscipline and Failure: Influences, contexts and challenges”, in a state public school in the city of São Luis de Montes Belos / GO. It presents in its context a theoretical analysis and a field research about Indiscipline at school, aiming to point out the causes, the consequences, the different contexts that influence the undisciplined behavior of the student and the relationship between this and school failure. To support the investigation, the main theorists were Antunes (2002); Aquino (1996, 1997, 1999); Vasconcellos (2009) among others. Indiscipline in the classroom is related to the aspects experienced in the pedagogical practice of teachers and in the school life of students, as a reality in constant challenge, since this type of behavior can be one of the biggest causes of school failure. School failure is part of one of the most serious problems in Brazilian education, something that can be seen at the most varied levels of education. However, it is in elementary education that this

¹ Mestre em educação, da Universidade de La Empresa de Montevideo – Uruguai, Docente da Faculdade Albert Einstein e-mail ismael.jr@terra.com.br



problem affects most often. Its causes are diverse and often seem insoluble. School failure can be produced in the relationship between the student, the teacher and the school; or the indiscipline that the school alone cannot fight, since it has social causes and not only educational ones.

Key words: Indiscipline at School. School failure. School Community. Pedagogical Practice.

Apresentação

Esta pesquisa teve por objetivo pontuar causas e consequências da indisciplina escolar nos diferentes contextos apresentados pelos teóricos pesquisados, bem como na pesquisa de campo, realizada em uma escola pública estadual na Cidade de São Luis de Montes Belos/GO, buscar esclarecimentos sobre a indisciplina e sua influência no processo de aprendizagem e a relação entre indisciplina e o fracasso escolar.

Para a elaboração do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, seguindo o método dialético histórico, embasada em teóricos como: Antunes; Aquino; Vasconcellos entre outros e uma pesquisa de campo, formulada através de tabelas e gráficos.

O estudo realizado apresenta diferentes fatores que desencadeiam situações de indisciplina nos diferentes contextos educacionais. De acordo com Vasconcellos (2009), as famílias contemporâneas apresentam-se de forma desestruturada, com grandes dificuldades para cumprir suas funções no campo educacional e mesmo de valores, de regras que são imprescindíveis para o convívio em sociedade. Pais trabalhadores que não têm tempo para seus filhos, com isso, acabam permitindo que eles façam o querem e como consequência muitos desses se apresentam sem limites e com dificuldade para cumprir regras.

Outro aspecto da indisciplina está centrado na prática pedagógica do professor, observou-se durante a pesquisa que quando o professor não mantém uma boa relação com seus alunos, não deixa claro seus objetivos, apresenta uma prática pedagógica que não contempla as vicissitudes da sociedade moderna, tem dificuldades para mediar os conflitos, surgindo aí um novo foco de indisciplina. Ao contrário, quando o professor apresenta uma metodologia diferenciada, atrativa, reflexiva, o aluno sente prazer em estar na sala de aula.

Escola e sociedade também influenciam no comportamento indisciplinado do aluno, com regras que são consideradas pelos alunos como desnecessárias.



Na primeira sessão aborda indisciplina na sala de aula e na escola e as medidas de ação ao combate. Pode-se entender como fracasso escolar o mau êxito na escola, a evasão e a reprovação escolar.

A segunda sessão trata sobre o Fracasso Escolar e também se apresenta como um tema preocupante para professores e comunidade escolar, este está associado aos atos de Indisciplina dos alunos. Percebe-se que os alunos que não frequentam as aulas diariamente, não apresentam boas notas, não têm uma boa participação durante as aulas, apresentam um comportamento indisciplinado.

Ao propor medidas de ação de combate à Indisciplina, os autores pesquisados deixam claro que estas, devem envolver também a postura do professor em sala de aula e na escola, pois várias vezes a prática pedagógica do professor não é atraente aos olhos do aluno, o professor não apresenta uma metodologia diferenciada, com isso, o aluno irá procurar algo melhor para fazer, o que nem sempre são atos indisciplinados, contudo, diante das regras impostas, são considerados como inadequadas. Faz-se também uma leitura sobre as perspectivas de ação por parte da família, do professor/escola e da sociedade.

A terceira sessão refere-se a relação entre o fracasso escolar e a indisciplina, com um dos principais problemas que assustam professores e toda a comunidade escolar. É imprescindível que a equipe escolar e pais reflitam sobre essa problemática e encontrem uma maneira plausível para reverter o quadro da indisciplina na escola. Em relação aos desafios contemporâneos, devemos observar a participação da família, o professor e a prática docente, o aluno enquanto sujeito, a parceria com a sociedade e a construção da cidadania e os valores humanos.

Na quarta sessão apresenta-se os resultados da pesquisas, apresentando as vozes dos professores e dos alunos, que foram coletadas durante a pesquisa de campo para aprofundar os conhecimentos em relação à Indisciplina, com o intuito de diagnosticar e compreender fatores que desencadeiam a indisciplina na escola na mesma vertente tem o fracasso escolar que fica caracterizado que os alunos indisciplinados não apresentam boas notas, não têm uma boa participação durante as aulas e muitas vezes o professor não percebe que este mesmo fracasso também pode desencadear a indisciplina, onde os alunos que não conseguem aprender acabam se sentindo inferiores, incapazes. E por fim apresenta-se as considerações finais e a referências.

Desenvolvimento

A Presença da Indisciplina nos Diferentes Contextos Educacionais



Ao contextualizar a história da educação no Brasil identifica-se uma escola marcada pela repressão e bastante autoritária que exigia dos alunos um comportamento exemplar. Vasconcellos (2009, p. 10) afirma que:

“A disciplina é um instrumento de autoritarismo, refreadora do desenvolvimento dos outros; é instrumento de ordem imposta, de subordinação e submissão, propiciadora da invenção de mecanismos de castigo e de tortura. De desumanização, enfim”.

São muitas as variáveis que influenciam no processo de ensino-aprendizagem, pois de acordo com Vasconcellos (2009), sem a disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo. Isso acontece porque é difícil lecionar para quem está conversando, gritando, saindo da sala e até mesmo não prestando a atenção necessária ao conteúdo.

Ainda segundo Vasconcellos (2009), esta disciplina imposta pela escola e pelo sistema escolar é uma grande farsa, pois ao exigir do aluno uma determinada disciplina, a escola não está preocupada com o futuro do aluno, mas sim na sobrevivência da instituição mantida pela aparência. Observa-se dessa forma que a escola deseja atingir o autogoverno² dos sujeitos participantes no processo educativo, ou seja, que todos os alunos sejam comportados, onde haja uma participação, um envolvimento, respeito mútuo ao professor para que assim possa haver a construção do conhecimento resultando na formação do caráter e da cidadania, (VASCONCELLOS, 2009).

O controle da indisciplina, de acordo com Aquino (1999), está presente no papel do professor eficiente na administração da disciplina, independentemente da idade escolar de seus alunos, é aquele capaz dirigir uma classe de forma organizada e eficaz, onde os objetivos propostos seriam de intermediar no processo de conhecimento e no desenvolvimento de habilidades e atitudes positivas por parte dos alunos, garantindo sua preparação e qualificação. O professor conduzirá suas aulas de forma organizada, rodeado de metodologias diferenciadas a fim de que chamem a atenção dos seus alunos, para que este aprenda a valorizar o ensino e conseqüentemente, os levem a uma aprendizagem significativa. De acordo com Aquino (1999, p. 84):

“[...] uma classe disciplinada é toda aquela que ofereça ao professor oportunidades adequadas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento e no desenvolvimento de habilidades e atitudes socialmente aceitas por parte dos alunos”.

² Autogoverno: A indisciplina tem seu conceito quase sempre associado à obediência, o que não é a definição mais adequada, pois a disciplina na realidade significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais, às veleidades desordenadas. (FRANCO, 1986)



Segundo Aquino (1999), existe disciplina em um ambiente escolar onde os professores possam cumprir sua missão, e os alunos assimilam os conteúdos propostos de forma agradável, refletindo sobre sua aprendizagem e suas próprias condutas. E isso resulta numa classe agradável para o professor e este pode se realizar profissionalmente e os alunos passam a ter condições adequadas para garantir seu crescimento cognitivo e emocional.

Mas, Aquino (1999, p. 84-85) também afirma que à primeira vista este modo de pensar seria na verdade o mais ingênuo, onde quietude e disciplina não são necessariamente e parte de uma mesma moeda. Isso demonstra que uma classe comportada não significa que está havendo a aprendizagem. Aquino (1999) afirma que aqui no Brasil, a disciplina na escola tem o *reflexo de quartel*, e a maioria das queixas dos professores se dão pela inquietude dos seus alunos.

“O silêncio dos alunos é indiscutivelmente, desejável em uma aula, mas suas conversas, se devidamente controladas e estabelecidas em momentos especificamente comandados ou permitidos pelos professores, não significam necessariamente “indisciplina” nem constituem uma ameaça ao trabalho docente bem feito” (AQUINO, 1999, p. 85).

O autor pressupõe que manter o silêncio de adultos é uma tarefa difícil, mas manter o silêncio de crianças e adolescentes é mais difícil ainda. E ainda propõe que a disciplina em sala de aula não seja vista em forma de silêncio, e que em uma sala de aula deve ter interação, diálogo, liberdade de expressão, tanto professor/aluno e aluno/aluno. Entretanto, essa interação deve ser organizada de maneira a não fugir da discussão proposta pelo professor.

Diante do exposto, percebe-se que existem diferentes visões e expectativas por parte dos atores que estão envolvidos no processo ensino-aprendizagem sobre a questão da indisciplina. De acordo com Vasconcellos (2009) antes de tudo faz-se necessário repensar a postura pedagógica com determinação e garra. E, sobretudo, realizar um diagnóstico para identificar o foco da indisciplina, para que o problema do empurra-empurra não aconteça.

“Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme) que culpa o sistema (que não dá condições), etc.” (VASCONCELLOS, 2009, p. 66).

Vasconcellos (2009) afirma que muitos professores jogam a culpa no aluno, ao invés de compreendê-los, não percebem que o aluno não é seu inimigo. O melhor caminho não é procurar o culpado, mas sim saber que todos têm a responsabilidades, família, escola, o professor e sociedade.



Segundo o autor o problema encontra-se na organização da sociedade mediada pelos agentes (família, professor, escola).

De acordo com Antunes (2002), a indisciplina existe na escola a partir de três focos: sendo o primeiro a própria escola, pois muitas vezes, a sua organização interna, a desunião do corpo docente, a autoridade exercida, não encaram a indisciplina de frente, visto que a escola prepara o aluno para “sucesso”, e não para sua felicidade, jamais para a vida. O segundo foco é o próprio professor, pois de acordo com o autor, existem professores mal preparados, que não organizam suas aulas e impõem a disciplina ao invés de conquistá-la, e ainda conhecer os seus próprios limites. O terceiro foco é o próprio aluno que precisa de toda a atenção por parte dos professores, e às vezes tentam chamar a atenção e acabam se excedendo.

Antunes (2002) propõe intervenções que ele mesmo chama de “salvadoras”. Em relação ao primeiro foco, o autor menciona que a escola poderia se transformar ao assumir o que pretende ao determinar algumas regras que julgam ser importantes. Apresentar uma comunicação límpida entre os membros da comunidade escolar e mostrar que o diálogo é sem dúvida imprescindível, mudaria a relação escola/aluno e a forma com que o aluno a perceberia.

Criar grupos de apoio pedagógico a professores, centrais de atendimento para alunos, pais e professores que necessitem de orientação e acompanhamento, para assim lidar com o problema da indisciplina. Mas o que o autor considera ser de suma importância na transformação seria a mudança ousada e corajosa nos planejamentos pedagógicos, para que um dos principais focos da indisciplina possa se debelar.

O autor menciona que o segundo foco acontece devido às ações de professores mal preparados, mas esses professores necessitam de uma formação continuada, desde que queiram, transformando o desejo de luta em realidade, em progresso. Fazer com que uma sala de aula fique ordenada de acordo com as próprias vontades dos alunos, depende da postura do professor e da maneira com que organiza a sua aula. Se o professor chega atrasado, se não estrutura suas aulas, não faz plano de aula, não adianta querer que o aluno seja disciplinado, pois organização e disciplina caminham juntos.

O professor impõe seus limites fazendo perdurar a democracia, instruindo o aluno e deixando-o ter vez e voz. Mesmo porque, para Antunes (2002, p. 24), “ensinar não é fácil e educar é



mais difícil ainda; mas não se ensina e não educa quem não define limites, quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”.

Por isso, é preciso que, primeiramente, o professor dê o exemplo. Ele não pode levar em consideração o seguinte mito: que cada aluno sabe aquilo que pode e aquilo que não pode fazer, ou seja, o que é permitido e o que não é. Os limites impostos pelo professor precisam ser claros e objetivos, reiterados. Antunes (2002) afirma que uma boa conversa onde o professor coloca o que se pretende, mas acolhe sugestões dos alunos, pode fazer com que estes descubram que regras se constroem e que democracia e civismo também se treinam.

O terceiro foco na concepção do autor pode ser terrível e assustador, mas com soluções previsíveis. É imprescindível que o professor dê devida atenção aos seus alunos e apresente um olhar diferenciado para com estes. O professor que ministra sua aula não fazendo distinção entre os bem-comportados e os que não são comportados, consegue maior participação de seus alunos. O professor que vai até o aluno, transita por toda sala, faz as devidas intervenções cria um ambiente harmônico para o aprendizado dos alunos e consegue que eles interajam com os assuntos discutidos na aula.

“Um risco de indisciplina sempre muito grande é o professor ficar sentado, deixar que os alunos à sua volta o procurem e, quando se dá conta, com a vista coberta por uma verdadeira parede humana, perceber que o fogaréu da indisciplina incendiou a todos. Aí sair gritando e exigindo silêncio significa desgastar a autoridade. Mais bom senso tem quem vai até o aluno, procura-o em sua carteira, atende-o com presteza deixando esse aluno sentadinho em seu lugar”. (ANTUNES, 2002. p. 28)

O professor que mantém a calma e está sempre de bom humor tem uma relação melhor com seus alunos. Segundo Antunes (2002), a alegria é sempre um tiro certo na indisciplina, na confusão. Os gestos do professor não podem conter exageros e é essencial que o professor conheça as particularidades de cada aluno e, saiba falar também sua linguagem. Segundo o autor, o professor precisa ser objetivo e explicar para os alunos a sua intenção em relação à qualquer atividade que propuser, de maneira clara; para isso, necessita de uma postura firme, mas não autoritária, como também orientar o aluno, ao invés de estar chamando a atenção dos alunos, edifica a aula. Dar atenção e carinho ao aluno também é uma forma de combater a indisciplina, como explica Antunes (2002, p. 32):

“Todo professor é e sempre será um artesão de amanhã e para isso tem que descobrir qualidades, investigar talentos, surpreender-se com revelações. [...] a imagem mais linda



não estava necessariamente no mais culto, mas nos que te olharam com olhos gulosos de carinho”.

Sabe-se que a indisciplina é uma realidade encontrada tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, independente da situação socioeconômica em que o aluno está inserido. Aquino (1996) assevera que, enganam-se quem pensa que a indisciplina atravessa indistintamente as escolas públicas e privadas:

“Enganam-se aqueles que a supõem mais ou menos presente apenas em um determinado contexto. Vale lembrar que, embora diferentes significados sejam atribuídos à problemática e até mesmo os próprios objetivos educacionais subjacentes a ambas possam ser distintos, elas parecem sofrer o mesmo tipo de efeito”. (AQUINO, 1996. p. 40).

Nogueira e Silva (2008) afirmam que a disciplina é indissociável à ideia de regras e obediência. Mas esse conjunto de regras e a forma de obediência estão diretamente associadas a uma determinada formação social. Pode-se então, na visão dos autores, dizer que há disciplina religiosa, familiar, sindical, militar, escolar, etc. Isso porque para cada ambiente exige um tipo adequado de comportamento.

[...] Cada uma dessas formas de disciplina possui características próprias e encontra suas bases de sustentação nos valores pertencentes àqueles grupos, no tipo de relação de poder ali existente e nas características da atividade que o funda e que são sempre historicamente determinadas. A indisciplina tende, portanto, a ser definida como a negação dessas regras estabelecidas, muitas vezes denotando a própria perturbação ou desordem causada pelo não-cumprimento delas” (NOGUEIRA E SILVA, 2008. p. 20).

Mas o que se evidencia é que os diferentes tipos de disciplina podem variar entre os diferentes espaços de ensino e, contudo, o que é considerado como apenas um ato de indisciplina em um determinado contexto, em outro já seria classificado como agressão e violência (NOGUEIRA e SILVA, 2008, pg 21).

O sonho da maioria dos professores é ter uma sala de aula com alunos prestativos que respondem aos estímulos feitos por parte dos professores. Mas de acordo com a revista Pátio (2010), a realidade apresenta grupos diferenciados e situações nas quais os professores têm que enfrentar a falta de limites e uma grande disparidade entre a educação que acredita ser a ideal e aquela oferecida pelas famílias.

“Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar. Segundo eles, o ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade etc.” (AQUINO, 1996. p. 40).



Estudos revelam a importância dos pais estabelecerem limites para seus filhos ainda pequenos e ensiná-los que a vida em sociedade exige regras para serem cumpridas, e estas são imprescindíveis para manter a ordem e para ter uma boa convivência entre as pessoas. Uma hipótese do problema da indisciplina no aluno é a falta de limites que o aluno traz de casa. As famílias estão trabalhando muito e cada vez mais, estão preocupadas em oferecer o melhor aos filhos em relação a questões materiais e por isso, tentam compensar sua ausência com presentes, e lhes dão uma liberdade excessiva, mesmo sabendo que seu filho necessita mais de carinho e atenção do que gratificações é o que assevera Vasconcellos (1996).

Segundo Ferreira e Magalhães (2006), quando a família deixa a educação dos seus filhos sob a responsabilidade exclusiva da escola, quando não cumprem o papel essencial de transmissão de valores, tais como, o respeito mútuo e cooperação, nem tampouco correspondem ao essencial que crianças e adolescentes necessitam (amor, carinho), por isso eles depositam na escola esta falta, e com isso, a escola passa por grandes dificuldades.

“Por melhor que seja uma escola, por mais bem que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve dela participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo. A família tem de acompanhar de perto o que se desenvolve nos bancos escolar. A droga, a violência, a agressividade não vitimam apenas os filhos dos outros” (CHALITA, 2001. p. 17-18).

A falta de união, diálogo, afetividade também implicam numa crise familiar, e isso reflete diretamente na educação e comportamento dos filhos. Tal comportamento chega até a escola em forma de indisciplina e desrespeito.

No que tange o comportamento dos filhos, há também outra hipótese de que quando o filho é extremamente protegido, e é considerado o centro das atenções, onde tudo é permitido, ele passa a ser egocêntrico, exigente, e no ambiente familiar não respeita o espaço dos outros, nem a autoridade do professor, como apontam Maldonado (1986).

A Relação entre Fracasso Escolar e Indisciplina

O fracasso escolar apresenta-se como sendo um problema temido pela escola e a maioria dos professores. De acordo com o dicionário Aurélio (2009), o termo fracasso se explica da seguinte forma: como desgraça; desastre; ruína; perda; mau êxito; malogro. De acordo com Forgiarini e



Silva (2007), fracasso escolar seria o mau êxito na escola, caracterizado, na compreensão de muitos, como sendo a reprovação e a evasão escolar.

Partindo desse pressuposto, o que fica evidente é que a indisciplina está ligada ao fracasso escolar. Percebe-se que muitos alunos indisciplinados não apresentam boas notas, não têm uma boa participação durante as aulas e muitas vezes o professor não percebe que o fracasso escolar também pode desencadear a indisciplina, onde os alunos que não conseguem aprender acabam se sentindo inferiores, incapazes. O professor reclama das atitudes indisciplinadas ou até mesmo violentas dos alunos, tanto dentro da sala de aula como fora dela, e ficam desanimados ao terem que enfrentar este problema, é o que afirma Oliveira (2005. p. 14):

“A indisciplina é considerada um dos fatores que influenciam o fracasso escolar. Não obstante a este fato, hoje em dia é muito comum ouvirmos relatos de professores desgastados pela falta de disciplina de seus alunos, atitudes geradoras de violência dentro e fora de sala de aula. Professores que desanimam e amedrontam-se frente a situações de indisciplina em sala de aula. É um fator que causa danos ao professor e ao processo ensino-aprendizagem, prejudicando também o aluno que pouco aproveita do que é ensinado em sala de aula. Além disso, representa um transtorno não só para professores e coordenadores pedagógicos, supervisores, diretores, mas, também, para os pais que, além de terem que lidar no dia a dia com o problema de comportamento de seus filhos em casa e na rua, ainda recebem constantes reclamações por parte dos professores sobre as atitudes dos mesmos na escola.”

O fracasso escolar é um tema preocupante para pais, professores, gestores e toda comunidade escolar. De acordo com Glória (2002, p. 41) um aluno fracassa quando não consegue atingir as expectativas da escola e cumprir com as exigências escolares no sentido de aprender o que a escola e a sociedade valorizam como saberes fundamentais e legítimos.

De acordo com Aquino (1997) o erro/fracasso é um dilema imediatamente escolar, e é necessário que coloque a escola também em evidência, pois na maioria das vezes quando se fala em sucesso escolar apenas consideramos como resultado do trabalho escolar e, quando se fala em fracasso escolar ou os erros cometidos durante o processo educativo, culpa-se os fatores externos, ou seja, o que vai além da escola, como por exemplo, problemas nas famílias. E o fracasso escolar não ocorre isoladamente, está atrelado à outros tantos fatores o que reitera a necessidade de se desfazer o paradigma de que o fracasso é somente do aluno.

É possível identificar por meio de pesquisas que há no Brasil muitos analfabetos, bem como muitas crianças e adolescentes em idade escolar fora da escola. De acordo com dados publicados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) em 2007, 41% dos alunos que ingressam na primeira série do Ensino Fundamental não conseguem terminar a 8ª (oitava) série, ou 9ª (nono)



ano. E 26% dos que entram no Ensino Médio não concluem e levam em torno de 10,2 anos e 3,7 anos respectivamente para concluírem (INEP apud FORGIARINI e SILVA, 2007).

Arroyo (2003) defende que o fracasso escolar está presente tanto nas escolas públicas como nas escolas privadas e que há entre nós a cultura do fracasso, cultura essa que legitima práticas, assim como cria fracassados, tolera discriminação e preconceitos tanto de raça como de gênero e classe social, assim como possibilita a exclusão destes. De acordo com o autor, a cultura da exclusão está materializada na organização e na estrutura do sistema escolar, no elitismo de alguns diretores, especialistas ou professores.

A cultura escolar se sobrepõe aos valores que cada integrante da escola carrega, bem como, as crenças, expectativas e seus comportamentos. E todos estes integrantes têm que se adequar ao funcionamento das instituições. Uma vertente que se pode considerar como também sendo uma das causas do fracasso é a própria condição em que estão integradas as classes populares. Arroyo (2003, p. 18) afirma que:

“[...] os modelos de análise e intervenção pressupõem que os setores populares não serão capazes de acompanhar o ritmo ‘normal’ de aprendizagem, chegam à escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse... Chegam à escola reprováveis. Pesquisas já tem mostrado que a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos-dotados para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem”.

De acordo com Arroyo (2003), a escola é uma instituição excludente, pois a escola tenta adequar o seu currículo aos alunos de classe inferiorizada, exige menos, para que assim esses alunos consigam passar de ano, porém segundo o autor, continua mantendo a cultura seletiva, hierarquizadora, seriada e gradeada. O que o autor afirma é que o sucesso ou o fracasso da escola são produzidos pelo sistema de ensino.

De acordo com Xavier e Rodrigues (2003) após muitas tentativas frustradas, muitas reprovações e repetências é que se evadiram os analfabetos ou semianalfabetos, sem os conhecimentos mínimos requeridos para a “sobrevivência” numa sociedade letrada. Os alunos deixam as salas de aula confiantes que são inferiores mediante aos repetidos fracassos. Percebe-se que ao encontrar dificuldades ao longo da jornada escolar, ou mesmo problemas enfrentados em casa, muitos alunos desistem de estudar e se evadem das salas de aula e acabam por prejudicar a si mesmos (XAVIER e ROGRIGUES, 2003, p. 70).



A realidade que a escola atual encontra é a indisciplina associada ao fracasso escolar, segundo Xavier e Rodrigues (2003), a agitação dos alunos, as conversas paralelas, o ritmo diferenciado de respostas do grupo, as agressões físicas, os “palavrões”, os furtos, a presença de alunos drogados, de alunos mais velhos, de alunos oriundos de classes especiais, o apego à práticas tradicionais, rejeição de alguns alunos pelo grupo, influência na questão do fracasso escolar. E, caso o professor não tenha uma prática pedagógica consciente e comprometida com a melhoria no ensino, talvez o sucesso escolar seja uma meta inatingível.

Entre as justificativas estão o fato de considerarem que “os professores que não conseguem ensinar, não conhecem o método correto ou não o aplicam adequadamente”. Como também, “as crianças que seriam imaturas, desesperadas para aprender”. E, finalizando, “as famílias desses alunos, que não os ajudam em casa”, (Xavier e Rodrigues, 2003, p. 92). Muitos professores afirmam que a indisciplina dos alunos é a principal causa do não aprendizado dos mesmos. Costa (1993) assevera que o fracasso escolar é predominantemente advindo de alunos filhos das classes populares, as classes subalternas, os alunos das escolas públicas.

O aluno que fracassa na escola é considerado como portador de uma anormalidade, aquele que foge dos padrões de normalidade estabelecidos pela classe dominante, possui algum tipo de desvio ou déficits, considerado um problema patológico. Com isso, a escola encaminha-o para fazer tratamentos em instituições especializadas. Costa (1993) menciona que também há outro lado nessa perspectiva, onde afirma que esta ação da escola é preconceituosa e arcaica, e que muitas vezes é vista nas atitudes de professores, mesmo que inconscientemente.

Alguns profissionais procuram se esquivar do problema do fracasso, tirando a culpa do aluno para colocar o problema na falta de estímulos da família.

“Alguns profissionais mais ‘avançados’ procuram tirar o fardo do fracasso dos ombros da criança e colocá-los nas costas da família, do seu meio ambiente. A criança fracassa, então é porque a família é ‘mal-estruturada’, ‘o pai é alcoólatra’, ‘a mãe trabalha fora’, ou o ‘ambiente familiar’ é pobre em estímulo, ‘desfavorável’, etc.” (COSTA, 1993, p. 24).

Essas afirmações são preconceituosas, pois nem sempre a culpa é da família, mas sim de um conjunto de fatores que incluem a prática que o professor exerce dentro da sala de aula, do seu método de trabalho, mas isso raramente é questionado. O que muitas vezes também influencia no fracasso escolar é a questão da estrutura da escola e da estrutura social. Pois nem sempre as escolas



oferecem um espaço adequado, faltam recursos necessários que garantam aos estudantes uma aprendizagem significativa.

Resultados da Pesquisa as vozes dos professores e dos alunos

Neste tópico serão apresentadas algumas das questões aplicadas aos professores e aos alunos da escola pesquisa. Não serão apresentadas todas devido a limitação de espaço para a escritura do artigo.

As vozes dos professores

A pesquisa realizada foi de cunho investigativo e apresenta em seu contexto o levantamento de dados que revelam a visão de professores e gestores em relação à indisciplina, e como os mesmos procedem à frente deste alarmante problema. O questionário aplicado foi composto por 06 questões subjetivas.

A unidade de análise foi a Escola Pública Estadual situada na cidade de São Luís de Montes Belos-GO. A referida Escola apresenta salas com dimensões desproporcionais em relação ao número de alunos, os ambientes não são climatizados, possuem um grande número de alunos que residem na zona rural e em bairros considerados carentes. Os alunos são muito carinhosos, nota-se que a carência além da carência financeira existe também a afetiva.

Essa pesquisa foi realizada durante o período de investigação da elaboração da dissertação o que se percebe é que há uma rotatividade recorrente durante todo ano letivo entre os estudantes, muitos alunos saem da escola para acompanhar seus pais ou o responsável nas atividades “rurais”, e chegam à escola jovens considerados “problemas” com muita frequência.

A população pesquisada foram professores e alunos da Escola Pública Estadual, na cidade de São Luís de Montes Belos-GO. A amostra foram 05 alunos e 08 professores.

A primeira questão aplicada aos professores versou sobre o tempo de experiência em sala de aula ou na gestão da escola.

Vale salientar que há uma variação considerável em relação ao período de experiência dos profissionais do magistério que atuam na escola pesquisada. Dos oito respondentes um possui de 01



a 03 anos de experiência, três possuem de 06 a 10 anos de experiência, um possui de 11 a 15 anos de experiência e três possuem mais de 20 anos de experiência.

No que refere ao tempo de experiência, percentualmente, 13% dos professores, apresentam de 01 a 05 anos de experiência, seguindo com mesmo percentual 13%, os professores que possuem cerca de 6 a 10 anos de experiência, e 37% dos professores possuem de 11 a 15 anos de experiência e seguindo no mesmo percentual 37% dos professores possuem mais de 20 anos de experiência. Nenhum professor possui de 16 a 20 anos de experiência.

Por esse cenário pode-se inferir que não se trata de um grupo de professores com pouca experiência em atividades escolares. Essa constatação colabora para a compreensão de que as implicações da indisciplina não estariam relacionadas à falta de experiência dos profissionais que atuam na escola. Mesmo porque, segundo Codo (1998), quanto maior a experiência do professor mais saberá lidar com as situações em sala de aula.

Na segunda questão foi solicitado aos professores que enumerassem de 01 a 05 as principais causas da indisciplina na escola. Nesse caso deveriam considerar uma escala em que 01 seria aplicado para o que mais colabora para a indisciplina na escola e 05 para o que menos colabora para a indisciplina na escola, considerando os itens propostos no questionário.

Observou-se que todos os pesquisados acreditam que a causa mais determinante na manifestação da Indisciplina advém de “problemas familiares”. Em segundo lugar aparecem 04 indicações para o “desinteresse e violência dos alunos” e 04 indicações para o “desvio do comportamento” dos alunos, situação que se repete como terceira indicação. Em quarto lugar 03 professores apontaram como determinante para ocorrência da indisciplina as “regras que a escola impõe” e 05 apontaram nesse grau de influência, a “prática do professor”. Em quinto e último lugar aparecem 05 apontamentos para as “regras que a escola impõe” e 03 indicações para a “prática do professor” como os menos relevantes na geração de indisciplina na escola.

A quarta questão se referia à seguinte indagação: se professores e gestores já participaram de programas de formação continuada para superarem a indisciplina na sala de aula.

Percebe-se que 05 dos pesquisados já participaram de programas de formação continuada, apenas 3 não possuem um programa de formação. O resultado foi satisfatório, mas ainda nem todos os pesquisados possuem um saber aprofundado para enfrentarem a indisciplina na sala de aula.



Nota-se que, percentualmente, 38% dos entrevistados não participam de nenhum programa específico de formação continuada para enfrentarem o problema da indisciplina na sala de aula, enquanto que 62% participam ou já participaram de algum programa de formação continuada na área, o que pode ser visto como resultado positivo e ao mesmo tempo surpreendente, considerado os resultados observados em toda pesquisa que revelam a dificuldade desses profissionais em lidar com a questão da indisciplina na escola.

As vozes dos alunos

Na questão que indagava aos alunos sobre “Você gosta de estudar”, cinco alunos responderam que “sim” e um aluno respondeu “mais ou menos”. Dos cinco alunos que responderam “sim”, três justificaram dizendo que aprendem muitas coisas novas e interessantes; os outros dois justificaram dizendo que estudar faz com que as pessoas se tornem melhores e consigam um bom emprego.

Já o aluno que respondeu “mais ou menos”, justificou dizendo que tem muita tarefa para fazer e muita coisa para estudar para as provas e ele disse que não tem paciência para ficar o tempo todo estudando e fazendo as tarefas que os professores passam.

Em relação à segunda questão, “Você gosta da escola, dos colegas e dos professores”, todos os alunos responderam que gostam da escola, dos professores e dos colegas. Os alunos A1 e A2 deram a mesma justificativa, dizendo que se divertem muito com os colegas, aprendem com os professores e que a escola é muito boa; o aluno A3 disse que os professores são bons, os colegas são legais e que a escola é grande e limpa; o aluno A4 disse que a maioria dos professores tem muita paciência com os alunos, que os colegas são divertidos e a escola é mais ou menos; os alunos A4 e A5 deram a mesma justificativa dizendo que os professores são bons para dar aula, mas às vezes ficam sem paciência porque os alunos conversam muito e que os colegas são legais, mas tem alguns que deixam os professores nervosos por causa da conversa.

Pode-se perceber, pela fala dos alunos, que as relações mantidas entre alunos, escola, professores e colegas é relativamente boa. Os alunos gostam da escola e veem o professor como alguém em quem podem confiar e que está preocupado com sua aprendizagem.

Sobre a questão número três “Na sua opinião os professores ensinam bem?”, quatro alunos responderam que sim e deram a mesma justificativa, afirmando que os professores explicam bem,



corrigem os exercícios e explicam de novo se os alunos não entenderam, mas tem colegas que ficam brincando na hora das correções. Dois alunos responderam que “mais ou menos”, porque tem algumas explicações que eles não entendem. O aluno A5 disse que os professores, às vezes, falam coisas que eles não entendem e, o aluno A6 disse que os professores explicam de maneira complicada, com palavras difíceis de entender.

Com a justificativa desses dois alunos, nota-se a importância da linguagem utilizada pelo professor para a aprendizagem dos alunos, pois como diz Franchi (1998, p. 73) “os professores devem compreender a linguagem do aluno e se esforçar para ensiná-lo de uma forma a que possam entender o que falam, pois somente assim, sua fala terá significado para os alunos, que poderão formar seus conhecimentos pelo entendimento das explicações do professor”.

Sobre “as aulas serem diferenciadas”, cinco alunos responderam dizendo que os professores dão aulas de muitas maneiras: explicam a matéria conversando com os alunos, dão exemplos diversos e muitos exercícios. O aluno que respondeu “mais ou menos” disse que os professores dão muitas aulas falando e ele fica com preguiça de ouvir tantas explicações, por isso acha essas aulas muito “chatas”.

Todos os alunos responderam que moram com os pais. Esse fato é muito importante porque a estrutura familiar é fundamental para a segurança emocional dos alunos, como também serve de incentivo para a aprendizagem. Em família eles aprendem valores que vivenciarão na escola.

Na questão sobre “Você tem ajuda para fazer as tarefas escolares”, quatro alunos disseram que têm ajuda em casa para fazer as tarefas escolares, mas não é sempre, pois os pais trabalham e os irmãos mais velhos não têm paciência para ensiná-los. Dois alunos responderam que “não”: um aluno disse que a mãe trabalha muito e não tem tempo; o outro aluno disse que os pais trabalham e ele passa o dia sozinho com seus irmãos.

Na visão de Meksenas (1994), a família e a escola podem ser pensadas como a chave para que se construam os meios necessários para evitar a repetência e estimular a permanência dos alunos nas escolas, mas é preciso que a família auxilie os alunos em casa. Família e escola são pontos cruciais que, funcionando em conjunto, são extremamente importantes para que tanto professores quanto alunos sigam o caminho que leve ao sucesso escolar.



Quanto à questão de estudar todos os dias, três alunos disseram que estudam todos os dias e justificaram dizendo que tem tarefas para casa todo dia e que a mãe cobra deles, mesmo quando não os ajudam a fazê-las. Três alunos responderam que não, só estudam quando a mãe obriga ou quando vão ter prova.

Ao serem questionados sobre como os professores os avaliam, todos os alunos responderam que os professores os avaliam por meio das tarefas que fazem na sala de aula, tarefas para casa, trabalhos, pelo comportamento e provas. Com isso, a avaliação dos alunos ocorre de forma global, abrangendo todos os aspectos referentes ao processo ensino-aprendizagem.

Franchi (1998) pontua que a avaliação escolar não pode ser apenas quanto à quantidade do que o aluno aprende de cada disciplina, mas deve abranger o aluno em sua totalidade, pois cada mudança de comportamento, cada mudança na forma de se relacionar com os colegas e com a professora, toda mudança de hábitos e atitudes, também são aprendizagens feitas pelos alunos, proporcionadas pela escola, e isso também deve ser avaliado, a fim de que a avaliação não seja apenas quantitativa, mas também qualitativa.

Sobre o que acham “mais difícil na escola”, dois alunos responderam que o mais difícil na escola é aprender matemática; dois alunos disseram que é aprender português; um aluno disse que tem dificuldade com os deveres de casa, diz não conseguir fazer todos os exercícios e, o último aluno respondeu que mora longe e chega cansado na escola, fica desanimado para prestar atenção na aula.

Nota-se que, mesmo que a maioria dos alunos percebam as relações com seus professores e com a escola de maneira positiva, ainda assim há dificuldades de aprendizagem; por isso, é necessário que os professores revejam a metodologia de suas aulas a fim de que o conteúdo ministrado possa ser aprendido por todos os alunos.

A Guisa de Considerações Finais

No que se refere ao estudo das causas da indisciplina no âmbito escolar, observou-se que, diante do fato de que a indisciplina tem sido uma das maiores causas do fracasso escolar, é necessário que os professores busquem conhecer as causas dessa indisciplina a fim de buscar soluções.



Nesse contexto, pode-se afirmar que uma das maiores consequências da indisciplina diz respeito à aprendizagem escolar, visto que a indisciplina tem sido uma das maiores causas de repetência; por isso ela tem sido um dos maiores desafios contemporâneos enfrentados pela escola. Entretanto, sabe-se que a indisciplina sozinha, fora de um contexto, não é a responsável pelo fracasso escolar dos alunos, são várias as causas que contribuem para isso.

A relação entre indisciplina e fracasso escolar está no fato de que o aluno indisciplinado tende a não prestar atenção nas aulas e, com isso, não aprende o conteúdo. Com isso, fica sem os conhecimentos necessários para a realização das atividades avaliativas. Além disso, o aluno indisciplinado tem a tendência de se rebelar contra as normas e regras impostas pelos professores, por isso quase sempre não fazem as atividades propostas e não participam ativamente dos grupos de trabalhos escolares.

As concepções de Indisciplina apresentadas nesta dissertação pela maioria dos autores pesquisados apontam para um dos maiores desafios que a escola está enfrentando. As pesquisas revelaram a necessidade de uma ação conjunta por parte da comunidade escolar, das famílias e sociedade para a busca de soluções.

Por isso, os teóricos pesquisados indicam a necessidade da prática pedagógica do professor que deve ser diferenciada, reflexiva, e que entre o professor e o aluno deve existir o respeito de opiniões e o diálogo para facilitar a comunicação e o entendimento entre as partes.

As famílias também representam um papel fundamental na formação de valores dos seus filhos. E devem estar presentes no cotidiano escolar dos filhos, incentivando-os e motivando-os. Entretanto, muitas famílias jogam toda a responsabilidade do aprendizado de seus filhos para a escola, para que esta possa educar e ensinar os valores aos seus filhos. Com isso, há famílias que não cumprem o papel de transmissão de valores aos filhos, simplesmente por não terem tempo, porque precisam trabalhar, e para compensar a sua ausência acabam dando presentes e permitindo que seus filhos façam tudo como quiserem. Com isso, os filhos vão para as escolas sem limites, refletindo em comportamentos indisciplinados.

Tal comportamento entra em choque com a escola. Pois, a escola apresenta em seu regimento, regras que são impostas para garantir o bom funcionamento e a ordem, que muitas vezes são consideradas desnecessárias e incompreendidas aos olhos dos alunos. A escola deve deixar de



lado o autoritarismo e buscar parcerias com as famílias, como também procurar, como medida de ação, as causas da Indisciplina e não acusar os culpados.

Geralmente, a escola e em especial os professores, colocam a culpa pela indisciplina dos alunos nas famílias, isentando suas responsabilidades. Muitos professores julgam as famílias como sendo desestruturadas e que não têm condições para oferecer uma educação de qualidade, e acabam se conformando com a situação de fracasso dos estudantes. Por isso, muitos desses professores usam medidas conservadoras e autoritárias no combate à Indisciplina na sala de aula e na escola.

Em síntese, foi possível perceber que há a necessidade de um envolvimento maior entre educadores e toda comunidade escolar, especialmente com as famílias, a fim de buscar métodos que possam minimizar a indisciplina na escola e na sala de aula. Todos esses protagonistas devem ter consciência de que a Indisciplina causa danos diretos aos alunos e que o maior prejudicado é o próprio aluno, e que a Indisciplina está relacionada a fatores internos e externos e que o aluno não é capaz de saná-la sozinho.

Por meio da colaboração das famílias, de toda equipe escolar e de políticas públicas que valorizem mais o trabalho docente, com ofertas de cursos de formação continuada e melhores salários, estrutura física do ambiente escolar para que os estudantes tenham boas condições de ampliarem seus conhecimentos, permanecerem na escola e terem sucesso nos estudos, diminuindo assim a repetência e o fracasso escolar, fatores que como foram demonstrados na pesquisa conduzem e ou reforçam a indisciplina na sala de aula.

No combate à indisciplina é importante também que todos os envolvidos tenham consciência de sua parcela de culpa, e que se juntos caminharem para buscar estratégias e alternativas, este problema poderá ser combatido e o maior beneficiado será o aluno, pois irá aprender a conviver, suas relações serão saudáveis e o seu aprendizado será significativo o que o preparará não apenas no campo cognitivo, mas para sua formação para a vida, no campo do conhecimento escolar bem como sua formação profissional e pessoal.

Assim, para que o fracasso pode ser abolido da vida escolar do aluno, é necessário haver uma reformulação na sociedade como um todo, mas enquanto isso não acontecer, a escola e a família devem continuar a preocupar-se em possibilitar ao aluno a aquisição de aprendizagens necessárias para a formação de conhecimentos. A família deve apoiar, estar presente na escola e



auxiliar nas tarefas; o professor deve buscar metodologias que possibilitem um melhor aprendizado, deve motivar e incentivar o aluno; a escola deve oferecer um ambiente tranquilo e bem estruturado.

Vale destacar que as ações propostas no estudo apresentado precisam ser eficazes, políticas públicas devem ser desenvolvidas no sentido de (re) pensar o sistema educativo rapidamente no Estado de Goiás, não há espaço para educadores despreparados e a administração escolar precisa ser conduzida como um processo bilateral, como compreendidos na pesquisa de campo no desenvolvimento desta dissertação, é hora de ação; soluções efetivas e concretas. Os professores têm que repensar a didática, buscar meios e mecanismos para fazer com que as aulas sejam atrativas e conseqüentemente produtivas e em contrapartida, uma mobilização por parte da comunidade escolar no Município de São Luis de Montes Belos, para que a Indisciplina possa ser tratada com a devida atenção e assim o fracasso escolar não terá mais um muro invisível que o sustenta.

Referências

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula**. 5. ed. Petrópolis, 2002.

AQUINO, Julio Gropa (org.). Autoridade docente, autonomia discente uma equação possível e necessária. **Autoridade e autonomia na escola**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas**. 9. ed. São Paulo: Summus, 1996.

ARROYO, Miguel G. Fracasso-Sucesso: O peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anet.; MOLL, Jaqueline (orgs). **Para Além do Fracasso Escolar**. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394/96**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2001.

CHALÍTA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CODO, Wanderley (coord). **Educação: Carinho e Trabalho**. São Paulo: Vozes, 1998.



COSTA, Dóris Anita. **Fracasso Escolar: diferença ou deficiência**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FORGIARINI, Solange Aparecida Bianchini; SILVA, João Carlos. Escola Pública: **Fracasso Escolar numa Perspectiva Histórica**. Artigo apresentado no Simpósio de Educação – XIX Semana de Educação – A formação de Professores no Contexto da Pedagogia Histórico-Crítica: 35 anos do Curso de Pedagogia promovido pelo departamento de Pedagogia, de 26 a 28 de novembro de 2007, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/369-2.pdf>. Acesso 14 de outubro de 2012, às 14:58.

FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis. A Redação na Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GLORIA, Dilia M. A. **A escola dos que passam sem saber: A prática da não-retenção escolar na narrativa de professores, alunos e familiares**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <<http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/EducacaoGloriaDM1.pdf>>. Acesso: 12.08.2012 às 12:30.

MAGALHÃES, E. M.; FERREIRA, I. S. **Fatores do ambiente familiar, Indisciplina e o Comportamento Agressivo Infantil**. 2006, 48 p. Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Goiás, São Luís de Montes Belos, 2006.

MALDONADO, Maria Tereza. **Comunicação entre Pais e Filhos: A linguagem do sentir**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

NOGUEIRA, Maria Alice; SILVA, Luciano Campos. Indisciplina ou violência na escola? Uma distinção possível e necessária. In: GONÇALVES, Alberto Oliveira; TOSTA, Sandra Pereira (orgs). **A síndrome do medo contemporâneo e a violência na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

OLIVEIRA, Maria Izete. **A indisciplina escolar: determinações, consequências e ações**. Brasília: líber livro, 2005.

PERINI, Mario. **Sofrendo a Gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

REVISTA PÁTIO. **Limites na Primeira Infância: O que os professores precisam saber**. p. 04-15. Ano VIII – no. 23. Abril/Junho, 2010.



TONINI, Andréa. **Dificuldades de aprendizagem: uma realidade crescente nas instituições escolares.** Cadernos de Educação Especial. Universidade Federal de Santa Maria (RS), 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (In)Disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 17. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Os desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola.** Revista Veja, 20 de novembro de 1996, p.129. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso: 06.09. 2011 às 14:54.

XAVIER, Maria Luisa Merino de Freitas; RODRIGUES, Maria Bernadette Castro. Um estudo sobre estrutura organizacional, planejamento pedagógico e disciplina escolar – em busca de possíveis soluções para o fracasso escolar. In: ABRAMOWICZ, Anet.; MOLL, Jaqueline (orgs). **Para Além do Fracasso Escolar.** 6. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.